

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA

SINESTESIA DIDÁTICA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MUSICAL

JANSEN RENATO GONÇALVES DE SOUZA

RIO DE JANEIRO
2008

INTRODUÇÃO

A música no Brasil normalmente é um curso opcional, e na maioria das vezes é visto pelos leigos apenas como um hobby, uma distração. Neste ambiente, o professor de música se torna quase um profissional do entretenimento. E cativar é primordial para um entendimento mais amplo do aluno, tanto técnico como social da música a médio e longo prazo.

Neste cenário é primordial para a sobrevivência do professor de música que esteja sempre atento ao interesse do seu aluno para seu melhor desenvolvimento. É preciso que haja um interesse do professor com o aluno para perceber e despertar o interesse deste também, um contágio, e levando em consideração as faixas etárias, escolaridade musical e regular e outros parâmetros de educação que sirvam para mapear os mais diversos níveis de desenvolvimento.

Entendo que com isso seja inevitável que tenhamos que usar palavras como “resultados”, ou “desempenho”, palavras que em última instância traduzem “marketing”, palavra que muitos músicos ainda vêm com olhar de reprovação. O professor necessita também estar atento às individualidades das pessoas. Cada pessoa terá uma característica única. Às vezes mais gritantes, às vezes mais sutis. Às vezes mais comuns, às vezes incomuns. O importante é que seja respeitada, e de preferência aproveitada. Que não aconteça o mesmo que aconteceu no exemplo que Antoine de Saint-Exupéry ilustra em O Pequeno Príncipe:

“Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante (...).”

“As pessoas grandes aconselham-me a deixar de lado os desenhos de jibóias abertas ou fechadas e a dedicar-me de preferência à geografia, à história, à matemática, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma promissora carreira de pintor. Fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2”. (SAINT-EXUPÉRY, 2001, p. 10.)

No seriado “Os Simpsons”, o personagem Homer faz uma fala se dirigindo ao seu filho que infelizmente os pais e educadores falam freqüentemente, de forma obviamente mais implícita:

Muito bem, Bart, você tentou e não conseguiu. O que aprendemos com isso? Nunca tente!

A primeira coisa que acontece entre o professor e o aluno é a comunicação. Esta é a ferramenta de trabalho de qualquer professor, assim como em qualquer relacionamento. O bom professor, não é necessariamente quem domina o que ensina, mas o que se comunica bem. E existem vários tipos de ruídos, barreiras que podem interferir na comunicação entre o professor e o seu aluno. Essa comunicação deve ser estabelecida com rapidez, sob pena de causar um desinteresse e com isso, um abandono. Muitas vezes o aluno não tem paciência, e prefere abandonar, ao invés de insistir em estabelecer uma conexão. Uma conexão rápida no relacionamento do professor com um aluno é o início de um curso bem sucedido. É bem verdade que ambas as partes devem estar interessadas nisso, o que bem sabemos que nem sempre acontece, principalmente quando se trata de crianças. Neste caso, é mais um motivo para que o professor saiba cativar o aluno e despertar o seu interesse para que o conhecimento seja construído sem barreiras.

Na escola, por exemplo, todos nós aprendemos com mais facilidade aquela matéria que mais nos interessava. Mais ainda: aquela matéria pela qual nos apaixonamos. Não há dúvidas de que o nosso estudo em música ter chegado até aqui na faculdade se deveu primeiramente a uma fascinação, uma paixão, um interesse.

Por isso eu digo que a chave da mente de todo ser humano se chama interesse. Se despertarmos o interesse do aluno, temos a chave da mente dele. O problema é como despertar esse interesse. Nem todas as pessoas estão abertas ou compreenderão nossa linguagem. Isso depende de idade, educação, costumes, e mais uma série de diferenças que poderia causar um choque entre o professor e o aluno.

Existe um mundo de caminhos de comunicação, e eu escolhi o caminho da sinestesia. Devo lembrar que é apenas um caminho, mas não deve ser o único. O ideal é que o professor tenha um bom número de caminhos, como uma caixa de ferramentas dentro de sua cabeça, prontas para serem utilizadas tanto separadamente quanto combinações delas.

Isso me remete à frase a qual o grupo britânico Queen começa uma de suas canções: *“Open up your mind and let me step inside”* que significa algo como *“abra sua mente e me deixe entrar”*. Esta frase soa bastante imperativa e delirante, mas parece traduzir meu desejo, e talvez de todo educador, diante do seu aluno, especialmente quando este apresenta alguma barreira.

Acessar a mente do aluno nos permitiria ajudá-lo a desenvolver conhecimentos de forma mais clara e conseqüentemente mais rápida. A rapidez também é importante porque poderia diminuir a ansiedade de ambos, tanto do aluno quanto a do próprio professor, de obter um resultado e ser um instrumento eficaz no desenvolvimento.

Não há dúvidas de que não podemos saber o que o aluno está pensando, nem nossa pretensão chega a tal ponto, mas podemos saber como o aluno está pensando, como ele

constrói seus pensamentos, e isso nos permitiria escolher as palavras e ações ideais para nos fazer sermos entendidos pelo aluno.

Sempre me interessou como as pessoas são diferentes nos seus temperamentos, com diferentes formas de reagir às mais diversas situações, e diferentes formas de enxergar o mundo. E no mundo da educação, isso significa obviamente que um único método não funcionará para todos. Para tanto, é necessário uma busca infundável de caminhos para se alcançar a mente de cada aluno. Um bom professor deve estar munido de um amplo conjunto de idéias e pensamentos para não ser surpreendido em sala de aula. Conhecimento esse que deve estar sempre sendo renovado e ampliado.

Isso me faz lembrar o primeiro contato que tive com o que depois reconheci como neurolingüística, que mapeava as pessoas como visuais, auditivas e sinestésicas. Esse contato ocorreu do seguinte modo:

Eu estava num workshop de líderes promovido por uma igreja batista, e fizeram um teste de comunicação. O palestrante pediu que todos fechassem seus olhos e se concentrassem no que seria dito, uma espécie de hipnose. O palestrante era psicólogo e hipnoterapeuta.

No seu exercício, três casas foram oferecidas a preços bastante acessíveis:

-A primeira tinha cores vibrantes, uma bela decoração em materiais de primeira e detalhes de muito requinte;

-A segunda era encostada com uns vizinhos músicos, portanto sempre tinha alguém tocando um instrumento de forma agradável e uma árvore, com passarinhos que cantavam perto da janela de manhã.

-A terceira tinha um jardim muito agradável, uma brisa constante, uma decoração composta principalmente por tapetes felpudos, cadeiras de veludo e as camas tinham colchões d'água.

Pela casa que mais gostamos, fomos classificados como: visual para a primeira, auditivo para a segunda casa e cinestésicos para a terceira. Observe que quando escrevo “cinestésicos”, escrevo com “C”, que tem um significado diferente, como abordaremos mais adiante.

Na ocasião, eu escolhi a primeira casa e quando fui classificado como visual fiquei bastante confuso e desconfortado, pois já havia escolhido a minha profissão de músico e achava que, a princípio, deveria ser auditivo. Como eu poderia ser músico, sendo visual?

Hoje vejo que os educadores mais modernos diriam que qualquer pessoa pode se tornar um bom músico, se o educador souber achar o caminho para isso.

E o caminho que sugiro neste trabalho é a consideração da sinestesia, ou seja, a conciliação dos sentidos em prol do desenvolvimento.

Este trabalho visa verificar de que forma a sinestesia pode ser útil ao educador musical. Partimos da premissa de que os indivíduos possuem em algum grau sensações sinestésicas. Para verificarmos nossa hipótese recorreremos ao trabalho empírico onde reunimos um grupo de 10 pessoas que responderam a um questionário, de forma que pudéssemos avaliar se de fato elas associam sensações sonoras a outros tipos de percepções sensoriais.

Assim surgem várias perguntas como:

- Todo o mundo tem algum grau de sinestesia?
- Como essa sinestesia se apresenta?
- O quanto a sinestesia é evidente para cada um?
- Será que existem afinidades, um ponto em que todos ou quase todos concordam?

- Poderíamos utilizar essa sinestesia e os seus pontos de afinidade como ferramenta para a educação musical? E como?

Quero questionar se essas fusões de sentidos podem ser exploradas na educação musical e até que ponto a conscientização da percepção tátil-motora pode ser explorada e utilizada, tendo em vista que se sentimos o ritmo no corpo, podemos também transformar isso em som, e em música.

Tato requer contato, portanto, quero dar atenção sobre:

- O contato corporal do aluno com o instrumento;
- O contato do aluno com o ambiente (o chão, as paredes, móveis);
- E até mesmo o contato com o professor, por exemplo, quando este entra em contato com a mão do aluno para mostrar como se faz o exercício proposto no instrumento.

Quero também abordar o que o aluno visualiza ou sente durante a execução das músicas, ou os exercícios propostos, e como posso utilizar isso para o melhor aprendizado.

CAPÍTULO 1: BIBLIOGRAFIA E EXPERIÊNCIAS SOBRE A SINESTESIA

Na minha experiência como professor de música eu reconheci dois casos mais evidentes de sinestesia: a primeira demonstrou ver cores nos sons e até na aura da pessoas. A segunda consegue ouvir letras nas melodias, o que a facilita a identificar se está tocando ao piano corretamente ou não. Ela percebe se a melodia “falou” ou não “falou” a frase desejada.

Não sei se existe coincidência nisso, mas ambos os casos foram do sexo feminino. Eu gostaria de poder estudar isso com mais profundidade. Saber se essa sinestesia se mostra pela percepção mais acentuada pela mulher, ou se elas transparecem com mais facilidade, ou se foi apenas coincidência minha.

Foram consultados inúmeros registros na literatura musical tais como alguns anais da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e pensadores como Dalcroze e Lucas Ciavatta, criador do método “O Passo”, em que o aluno usa o movimento corporal para internalizar o ritmo, mas não foi encontrado nenhum estudo com ênfase no uso na educação musical da sinestesia propriamente dita, embora implicitamente além de Ciavatta, Dalcroze já use o termo “eu sinto” no lugar de “eu ouço” quando expressa seu objetivo pedagógico. Por isso a iniciativa esta se torna de maior curiosidade e pode nos trazer a luz algo relativamente novo no âmbito da Educação Musical.

Encontrei abrigo no neurologista britânico Oliver Sacks, no seu livro *Alucinações Musicais* (2007), onde explica o que é a sinestesia especificamente e aborda a manifestação de forma bem clara a sinestesia em seus pacientes e também os registros encontrados sobre o assunto.

Acredito que muitos de nós – se não todos nós - nascemos sinestetas, e essa percepção se transforme com o tempo. Simon Baroh-Cohen e John Harrison, cientistas ingleses, confirmam essa teoria, que eu seguia intuitivamente: “Talvez sejamos todos sinestetas de sons e cores até perdermos as conexões entre essas duas áreas, por volta dos três meses de vida.” (SACKS, 2007, p. 180)

Eu desconfio de que isso aconteça bem depois dos três meses de vida, pois me lembro de ter algumas formas de visualizar palavras, números e sons, embora não me lembre o bastante para precisar como isso ocorria. Lembro de ver cores em dias da semana, ou números, mas não lembro que cores via neles. Creio que muitas pessoas tenham o mesmo sentimento.

Mas não é dessa sinestesia extrema que eu quero falar, mas da sinestesia sutil, que todos nós temos, e que, no final de contas nos faz, de algum modo, sinestetas. Usamos freqüentemente termos de textura para descrevermos o som, que é o que utilizamos. Podemos achar que:

- Os sons mais agudos parecem menores e mais brilhantes, enquanto sons mais graves parecem mais amplos e escuros;
- Os acordes maiores parecem mais alegres, enquanto os menores, mais tristes

Acredito que todos nós somos de algum modo, em algum momento da nossa vida, somos afetados por algum tipo de sinestesia. Percebo que as crianças têm essa percepção mais aguçada, o que as ajuda a entender o mundo à primeira vista. Perdemos essa percepção, presumo, quando as informações se multiplicam na nossa mente, e esquecemos as informações iniciais. Uma entrevistada por Sacks, Christine Leahy, por exemplo, lembra que aprendeu as letras quando criança através de letras coloridas que eram imãs de geladeira. É verdade que houve uma exceção, o caso de Michael Torke, que tinha ouvido absoluto e via cores nas notas e não se lembra de nada que justificasse

o porquê de o ré ser azul, o sol ser amarelo, etc. mas não é uma regra, nem sequer desmentiria esta teoria.

Mas Sacks apresenta também um estudo sobre o assunto, que se opõe a Harrison e Baron-Cohen: “(...) *segundo* Daphne Maurer, da Mc Master University, observações comportamentais de lactantes sugerem que ‘os sentidos do recém-nascido não são bem diferenciados, e sim entremesclados em uma confusão sinestésica’”. (Sacks, 2007, pág. 180)

Pensava-se que a sinestesia fosse muito rara, afetando talvez uma em cada 2mil pessoas, e que sua incidência fosse bem maior no sexo feminino (na razão de seis mulheres para cada homem). Mas um estudo recente de Julia Simmer, Jamie Ward e colegas questionou essas duas suposições. Analisando uma população aleatória de quase 1700 pessoas e fazendo testes objetivos para separar a sinestesia genuína da pseudo-sinestesia, esses pesquisadores constataram que uma pessoa em cada 23 tinha algum tipo de sinestesia – mais comumente para dias coloridos – e que não havia diferença significativa entre os sexos.

Antes de 1999 não existia testes psicológicos objetivos para diagnosticar a sinestesia. Mas nestes últimos anos V. S. Ramachandran e E.M. Hubbard elaboraram recursos engenhosos para detectá-la. Criaram por exemplo, testes nos quais só uma genuíno sinesteta consegue “passar”, a fim de poderem distinguir entre a sinestesia e a pseudo-sinestesia. Um desse testes (descrito em seu artigo de 2001 para o Journal of Consciousness Studies) apresenta a uma pessoa uma miscelânea de imagens dos números dois e cinco, todas muito semelhantes e impressas em preto. A pessoa comum tem grande dificuldade para distingui-las de relance, mas um sinesteta de cores e números pode distingui-las facilmente por suas “cores” diferentes. (SACKS, 2007, p. 178 e 179.)

CAPÍTULO 1.1: O QUE É A SINESTESIA?

Existe a sinestesia (com “S”) e a cinestesia (com “C”). As duas têm significados diferentes, embora próximos.

A palavra “cinestesia”, que citamos anteriormente é de origem grega. *Kínesis* quer dizer movimento e *aístesis*, sensação. A definição da palavra seria sensibilidade aos movimentos.

A palavra “sinestesia”, igualmente, é de origem grega: “syn” quer dizer simultâneo e “aesthesia” quer dizer sensação (“Sinestesia e percepção digital” - Basbaum, Sérgio Roclaw).

É com esta última que vamos discorrer durante todo o estudo. Embora meu primeiro contato com a palavra tenha sido de fato com a cinestesia, com “C”, escolhi a última pela sua amplitude e por quanto conhecemos pouco sobre ela.

Sacks completa:

“A definição de sinestesia é ‘fusão de sentidos’. Classicamente, ela é definida apenas como um fenômeno sensorial. Mas está ficando claro que também já existem formas de sinestesia puramente conceituais. Para Michael Torke, a idéia de sete é dourada, seja o algarismo arábico 7 ou o romano VII. Algumas pessoas têm uma conjugação instantânea e automática de outras características categóricas – por exemplo, vêem certos dias da semana como masculinos ou femininos, ou certos numerais como “perversos” ou “bondosos”. Isso constitui uma espécie de sinesteta “superior”, uma união de idéias e não de sensações. Para esses sinestetos, não se trata de caprichos ou fantasias, mas de correspondências fixas, irresistíveis e vitalícias. Essas formas conceituais de sinestesia estão sendo estudadas especialmente por Julia Simmer e seus colegas, e por V. S. Ramachandran.

(SACKS, 2007, p. 179)

Ele conta ainda que este termo foi cunhado nos anos 1890 e tem um de seus primeiros relatos sistemáticos no livro “Inquiries into human faculty and its development” (“Investigações sobre a capacidade humana e seu desenvolvimento”), de Francis Galton, em 1883. Sacks comenta o livro de Galton da seguinte forma:

É um livro excêntrico e abrangente no qual o autor discorre sobre sua descoberta da individualidade das impressões digitais, seu uso da fotografia composta e um tema mais malvisto: sua idéia sobre a eugenia. Os estudos de Galton sobre as “imagens mentais” começaram com uma investigação sobre a capacidade das pessoas para visualizar cenas, rostos, etc. em detalhes vívidos verídicos, após o que ele estudou suas imagens mentais de números. Alguns dos indivíduos estudados por Galton afirmaram, para espanto do pesquisador, que invariavelmente “viam” determinados números em uma dada cor, sempre a mesma, independentemente de estarem olhando para os números, ou imaginando-os. Embora a princípio Galton considerasse isso não mais que uma “associação”, logo se convenceu que se tratava de um fenômeno fisiológico, uma faculdade específica e inata da mente. Supôs que ela tinha algum parentesco com as imagens mentais, porém sendo de natureza mais fixa, mais estereotipada e mais automática e, em contraste com outras formas de imagens mentais, praticamente impossível de influenciar pela consciência ou pela vontade. (SACKS, 2007).

CAPÍTULO 1.2: COMO A SINESTESIA SE APRESENTA? E QUANTO ISSO É EVIDENTE PARA CADA UM? SERÁ QUE EXISTEM AFINIDADES, UM PONTO EM QUE TODOS OU QUASE TODOS CONCORDAM?

Sacks responde à primeira pergunta de forma valiosa:

“Galton supôs que a sinestesia era acentuadamente hereditária, e Harrison e Baron-Cohen salientaram que um terço dos sinestetas que eles estudaram tinha parentes

próximos com a mesma capacidade. Nabokov, em sua autobiografia “A pessoa em questão”, escreveu que na infância ele via cada uma das letras do alfabeto em uma cor distinta, por isso ficou perturbado quando ganhou uma caixa de letras coloridas e viu que quase todas eram da cor “errada”. Sua mãe, também sinesteta, concordou que as cores estavam erradas, mas sua opinião sobre a cor certa para cada letra não coincidia com a do filho. (A esposa de Nabokov também foi sinesteta, assim como o filho do casal.)
(SACKS, 2007, pág. 178)

Sacks também relata sobre alguns de seus pacientes sinestetas, alguns que viam cores nas músicas, e vice-versa. Por exemplo, um paciente que visualiza no ré maior a cor azul, e no sol maior a cor amarela, etc. outros relatos de quem visualiza o contrário, como o amarelo dourado lhe fazer ouvir o tom do si bemol maior. Relata casos como de uma musicista em Zurique que associava intervalos musicais com seu paladar. Ela sentia o gosto dos intervalos, e qualquer dúvida sobre o intervalo que ela ouvia era facilmente dissipada pelo gosto que sentia na boca. Este caso foi relatado segundo Sacks pelos pesquisadores Gian Beeli, Michaela Esslen e Lutz Jäncke, de Zurique, na revista *Nature* em 2005. Sacks diz mais: “Também já ouvi falar de violinistas que recorrem à sinestesia para afinar seus instrumentos e de afinadores de piano que se servem da sinestesia em seu trabalho (SACKS, 2007).”

Como veremos na pesquisa empírica e nos testes citados por Sacks, não existem afinidades substanciais entre um indivíduo e outro, embora haja semelhanças. Cada um tem sua própria forma de enxergar o mundo a sua volta.

Acredito que a sinestesia se apresente de formas associada e a dissociada, ou adquirida e inata respectivamente. Depois que crescemos com o preenchimento do cérebro com informações nos faz associar os sons com coisas que já vimos como veremos mais a frente nos testes que pessoas muitas vezes associam, por exemplo, o

som do saxofone com a cor amarela ou laranja, que por coincidência ou não é a cor do próprio instrumento.

A separação entre a percepção associada e a dissociada se mistura de tal forma que muitas vezes, senão na maioria das vezes a separação entre uma e outra se torna impossível.

Essa dificuldade se torna tão grande que muitas vezes as separações mais óbvias se tornam duvidosas em última instância. O exemplo de o sol ser amarelo, por exemplo, se torna fácil de associar, pelo menos nos países em que as notas são representadas por esses nomes (dó-ré-mi-fá-sol-lá-si) e não por letra, como nos países de língua inglesa, por exemplo.

CAPÍTULO 2: PESQUISA EMPÍRICA: TESTANDO A SINESTESIA DE CADA UM

Também foi feita uma pesquisa empírica com um questionário que pretendo demonstrar aqui.

Foi feito o questionário abaixo, com a finalidade de despertar e entender a visualização das pessoas, em buscas de padrões que pudessem ser utilizados como metáforas no futuro, em salas de aula.

Foram entrevistadas 10 pessoas entre 23 e 38 anos, de ambos os sexos e de escolaridades entre nível médio e em um nível de pós-graduação. Este número é notavelmente reduzido devido ao grande número de pessoas que não responderam ao questionário, que foi enviado pela internet por motivos adversos. Foram enviados a cerca de 30 pessoas. Alguns por falta de tempo, outros por alguma desconfiança, etc. Obtivemos problemas com a maior parte dos entrevistados que demonstrou certo cansaço a partir do terceiro exemplo, indicando ser o teste maçante demais se utilizados mais de três exemplos. Por este motivo vamos apresentar apenas os primeiros três. Vale informar que neste teste foram dados sete exemplos de sons diferentes.

Nome (opcional): Eu preferiria preservar as identidades dos entrevistados. Alguns se identificaram, outros não.

Idade: Entre 23 e 38 anos

Sexo: ambos

Escolaridade: Níveis do Ensino Médio até a Pós-graduação.

Data: 2008

Para que o teste tenha o melhor resultado possível, responda com a primeira coisa que vier na cabeça, e NÃO corrija depois. Apenas deixe sua imaginação falar.

Imagine o som de:

- O canto de uma cigarra:

Como você o descreveria?

Normalmente as pessoas descreveram com adjetivos que conotam estridência. Surpreendeu-me o fato de as pessoas normalmente se sentirem incomodadas com este som, embora o mesmo lembre verão, sol.

Falaram também do seu registro agudo, e até da intermitência no início.

Se você pudesse vê-lo, como seria?

Quatro dos entrevistados demonstraram ver uma linha reta, ou um raio de luz. Uma quinta pessoa ainda o viu como uma pessoa alta e magra.

Que cor teria?

Também quatro dos entrevistados visualizaram o som de cor verde (dois em comum com os que visualizaram como uma linha reta). Os outros escolheram sempre cores escuras, sendo um roxo, um marrom, um cor-de-areia, um azul, um vermelho e um respondeu uma cor indefinida (“a cor do verão”).

Se você pudesse senti-lo, como seria (liso ou áspero, grande ou pequeno, pesado ou leve, etc.)?

A maioria respondeu áspero (5) e leve (5), sendo que apenas dois concordaram ser leve e áspero ao mesmo tempo. Um achou pesado e leve ao mesmo tempo. Três acharam grande, e apenas 1 achou pequeno. As demais opiniões foram soltas.

Onde o sentiria no seu corpo?

Quase todos (9) sentiram ou na região dos braços e das mãos ou na região da cabeça (rosto, nuca). Fora dessa região apenas um discordou, sentindo no peito.

- O som de um saxofone:

Como você o descreveria?

A maioria esmagadora concorda que é um som suave, agradável. Teve quem colocasse o termo “doce”, o que é bem sinestésico.

Se você pudesse vê-lo, como seria?

Interessante como obtivemos várias pessoas descrevendo o som como se fosse uma pessoa, coisa que eu não tinha pensado, algumas vezes até com descrições engraçadas. Um entrevistado o descreveu como “moreno e gordinho”, outro como “jovem, bonito, loiro e elegante”.

Outras pessoas descrevem com formas abstrata, como ondas coloridas, ou formas geométricas. Apenas uma pessoa descreveu como “reto”. A maioria descreveu como “redondo”, macio, almofada, onda quebrando na praia, outro como cachorrinho peludo, sempre passando a idéia de um som leve, suave, agradável.

Que cor teria?

A maioria também respondeu cores que remetem ao amarelo ou ao laranja. Outros responderam um colorido como o arco-íris. Não sei até que ponto a imagem da cor dourada do instrumento poderia influir nessa percepção.

Se você pudesse senti-lo, como seria (liso ou áspero grande ou pequeno, pesado ou leve, etc.)?

Com apenas uma exceção, os entrevistados identificaram o som do saxofone como liso, aveludado. A maioria também achou leve na maior parte do tempo. Sempre expressando um som suave, leve, agradável. Houve ainda quem lembrou que se mal tocado esse sentimento mudaria sensivelmente, normalmente oposto.

Onde o sentiria no seu corpo?

Acho que posso expressar um grande equilíbrio neste quesito. Os entrevistados não demonstraram nenhum padrão ao saber onde sentiam este som. A maior parte expressou que sentia nos ouvidos ou cabeça, mas não com um número conclusivo. Não posso afirmar que com outro grupo maior ou de outros indivíduos não tivesse um resultado completamente diferente.

- O motor de um carro de Fórmula 1:**Como você o descreveria?**

Nesta questão não obtive resultados sobre o assunto específico. A maioria dos entrevistados esteve mais preocupada em descrever seus incômodos com o som do que

em descrever o que vêem nele. Duas pessoas estiveram descrevendo os sons apenas com onomatopéias.

Se você pudesse vê-lo, como seria?

Neste teste tivemos 80% dos entrevistados falando como se fosse uma força muito grande, um descrevendo como uma poeira, outro como uma explosão, um tufão, etc. Um entrevistado descreveu como uma pessoa de baixa estatura e arrogante, e outra como uma coisa rastejante. Chamou-me a atenção que eles expressaram o som como uma coisa pequena, baixa, embora seja tão poderosa. Outra possível alusão ao visual, levando-se em conta que o carro é pequeno e produz um som de volume superlativo.

Que cor teria?

Dos dez entrevistados, sete responderam preto, ou descreveram como uma cor escura, quase preta, ou cinzenta. Dos outros três, não obtivemos padrões. Um respondeu vermelho, outro dourado, e outro branco. Observo que apenas um respondeu com uma cor clara.

Se você pudesse senti-lo, como seria (liso ou áspero, grande ou pequeno, pesado ou leve, etc.)?

Oito dos dez responderam como um som áspero. Apenas um expressou como liso. Grande parte respondeu como pequeno, e também como pesado. Houve também quem achava leve, ou grande.

Onde o sentiria no seu corpo?

Mais uma vez tivemos uma ausência muito grande de padrões, e tivemos resultados inconclusivos. Eles sentiam perto da cabeça ou nos braços, mas outros sentiam na barriga, ou em outras regiões do corpo.

CAPÍTULO 2.1: CONCLUSÃO DO TESTE

Estes testes indicaram a meu ver cerca de 50% de afinidades de sensações entre os entrevistados. Seria necessário que se fossem elaborados testes mais eficazes e com um número mais expressivo de voluntários para se ter uma exatidão maior sobre o assunto.

Ao perguntar como eles descreveriam determinado som, a pergunta se tornou vaga, e o resultado disso foi positivo ou negativo, conforme o entrevistado. Entre os que eu chamei de resultados negativos obtivemos apenas onomatopéias. Isso até caberia outro estudo, mas não nesta pesquisa. Alguns dos que compreenderam viram o som como uma pessoa, com personalidades distintas, o que me surpreendeu, e também daria margem para outro estudo.

A segunda pergunta muitas vezes foi vista como uma repetição da primeira. Eu na verdade tinha a intenção de saber e estimular o visualizar do som, descobrindo com que facilidade eles poderiam fazê-lo.

O resultado foi que embora não visse exatamente a mesma coisa, a maioria via coisas parecidas, ambientes, personalidades.

A terceira pergunta foi um complemento da segunda. Continuando com a visualização, perguntei sobre a cor do som, obtendo uma concordância da maioria nos tons. Obviamente nem todos disseram a mesma cor, mas os tons, claros ou escuros, etc.

estiveram de acordo com a maioria. Raras vezes uma vez em que um respondesse, por exemplo, “preto”, outro responderia “branco”. Isso aconteceu, mas com apenas um entre os dez, e nunca repetindo o entrevistado que discordou. O que discordava em uma pergunta concordava nas outras.

Analisando estes estudos e os seus resultados, percebo o quanto fui tendencioso, pois vale observar que como eu sou visual estive fazendo o estudo privilegiando os visuais, que poderiam melhor visualizar os sons, em detrimento dos demais, especialmente os auditivos. Estive pensando que poderia ser também feito uma pesquisa no sentido contrário, com perguntas do tipo: “que som teria o pôr-do-sol?” ou “que som teria um chocolate?”, pois da mesma forma que as pessoas podem visualizar ou sentir um som, devem também ouvir o que sentem ou vêem.

As duas últimas perguntas dizem respeito ao sentir, direcionada aos cinestésicos. Obtive um resultado estatisticamente bastante parecido com os relacionados aos visuais. Isso me deu uma impressão de total equilíbrio entre eles em relação a todos os sentidos, sejam eles cinestésicos, visuais ou auditivos.

Com esta estatística acredito que estimular a sinestesia que reside em cada aluno pode ser eficaz no aprendizado do mesmo, despertando o seu interesse, ilustrando para ele os sons e tornando a música algo perfeitamente compreensível.

O desenvolvimento de um estudo mais aprofundado do ponto de vista da psicologia, de neurociências e de ciências da área da comunicação poderia nos trazer à luz muitos aspectos da forma do ser humano ver as coisas, e trazer uma nova ferramenta não somente para os professores de música, mas também para professores de outras ciências e profissionais que tenham a comunicação como ferramenta de trabalho, desde os profissionais da própria área de comunicação (jornalismo, publicidade, letras, etc.) até profissionais liberais como médicos na relação com os pacientes, advogados na

forma de se expressar nos seus processos e empresários na sua relação com seus subordinados.

CAPÍTULO 3: SINESTESIA COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL

Com o desenvolvimento da tecnologia que tivemos nas últimas décadas, com a chegada da televisão e posteriormente do computador pessoal, vivemos principalmente do que vemos. A visão talvez nunca tenha sido tão aguçada quanto na nossa geração.

Isso significa que também mudam os caminhos do educador. Hoje é comum que as universidades utilizem projetores de imagens nas salas de aula, com slides destacando tópicos ou ilustrando as aulas.

Na música isso não deveria ser diferente. Os professores de música (a começar em mim) a meu ver ainda relutam para utilizar um ou outro recurso visual ou de qualquer outro sentido para ilustrar um som, muitas vezes por causa de preconceitos, outras por falta de ferramentas. Na verdade acho que essa ferramenta ainda foi muito pouco explorada, principalmente aqui no Brasil. Acho que o fato de eu não encontrar nada em português sobre o assunto prova isso.

Mas já existem métodos em que músicas e cores são utilizadas juntas, facilitando a retenção do aluno, como vemos neste texto de George L. Rogers:

Na Educação Musical as cores são bastante utilizadas em livros de métodos para realçar um material novo. Os estímulos recebidos em vários sentidos ativam mais neurônios em várias localidades do córtex, nisso reforçando o processo de aprendizado e uma fixação saudável. (ROGERS, 1991, p. 64).

Essa informação foi comprovada por outros pesquisadores; Chute (1978) reportou que “estudantes do ensino fundamental que viram uma versão colorida de um filme educativo tiveram uma retenção significativamente maior em testes imediatos e posteriores do que

outros estudantes que assistiram ao mesmo filme em preto e branco". (ROGERS, 1996, Vol. 44, No. 1 p 17)¹

Resumindo, esses métodos possibilitam que o aluno “veja” o som. Essa visualização faz com que o som pareça mais tangível, e conseqüentemente mais compreensível. Isso responde ao meu questionamento inicial sobre a efetividade de uma fusão de sentidos de qualquer natureza.

É um caminho também que o educador compreenda melhor o funcionamento do cérebro, como um piloto conhece do funcionamento do seu avião, para melhor utilizá-lo. O estudo do cérebro pelo homem é relativamente novo e o desenvolvimento deste será de grande valia para o educador em geral.

¹ In music education, color is typically used in method books to highlight new material. Stimuli received through several senses excite more neurons in several localized areas of the cortex, thereby reinforcing the learning process and improving retention. This information has been proven by other researchers; Chute (1978) reported that "elementary students who viewed a colored version of an instructional film scored ¹significantly higher on both immediate and delayed tests than did students who viewed a monochrome version".
http://en.wikipedia.org/wiki/Colored_Music_Notation#cite_note-rogers-91-1

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

O'CONNOR, Joseph – *Introdução à Programação Neurolingüística: como atender e influenciar pessoas* – São Paulo, Summus, 1995.

ROGERS, George L. (1996). "*Effect of Colored Rhythmic Notation on Music-Reading Skills of Elementary Students. Journal of Research in Music Education*". Journal of Research in Music Education

SACKS, Oliver – *Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro* - Companhia das Letras, 2007

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de – *O Pequeno Príncipe; com aquarelas do autor;* tradução de Marcos Barbosa, 48.ed., 3.impr. – Rio de Janeiro, Agir, 2001.

SANTOS, Regina Márcia SIMÃO – *Jaques-Dalcroze, avaliador da instituição escolar: em que se pode reconhecer Dalcroze um século depois?* – Revista Debates, nº4 – Programa de Pós-Graduação em Música do Centro de Letras e artes da Unirio – Rio de Janeiro, CLA/Unirio, 2001.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.

SINESTESIA DIDÁTICA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MUSICAL

Por
JANSEN RENATO GONÇALVES DE SOUZA

Monografia de final de curso de licenciatura em música do Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como requisito parcial para obtenção da graduação, pela orientação da professora Luciana Requião.

RIO DE JANEIRO, 2008

SOUZA, Jansen R. G., *Sinestesia Didática: uma proposta para o ensino musical*. 2008. Monografia de final de curso de Licenciatura em Música - Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Esta monografia investiga o fenômeno da sinestesia, e questiona se essa forma de percepção pode ser utilizada como ferramenta de aproximação do professor diante do aluno, se fazendo ser compreendido e compreendendo, criando a empatia entre ambos mais rápida e claramente.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, assim como todo o curso, foi feito com muito suor. Foi com muita dificuldade que obtive estes resultados. Tive muitas dificuldades que muitas vezes consumiram minha auto-estima, meu sono, e até mesmo a minha saúde. Por isso tenho muitas pessoas a quem devo agradecer muitíssimo pelo apoio de todas as formas, seja intelectual, contribuindo com os testes elaborados, ou mesmo com incentivo moral, me levantando quando eu estive cabisbaixo, vencido pelos obstáculos.

Ao meu bom Deus em primeiro lugar toda honra e glória, pois Ele criou tudo isso que agora estudamos, me proveu de capacidade intelectual de fazê-lo na forma e no tempo certo, mesmo agindo muitas vezes de forma que eu não conseguia compreender, e também me proveu as pessoas abaixo citadas;

À minha família, especificamente meus pais, Wanderley e Rosália, que me educaram e me deram suporte durante toda a minha vida até aqui, e meus irmãos, Joyce e Jessé pela ajuda e incentivo intelectual e emocional;

À Luciana Requião, minha orientadora, que sempre solícita paciente e compreensiva, me ajudou de forma que nunca poderei retribuir;

Minha profunda gratidão às pessoas que gentilmente contribuíram com minha pesquisa empírica, que foi de grande valia para este trabalho;

A todas as pessoas que contribuíram com minhas pesquisas sobre o assunto: amigos, professores e colegas na universidade que me deram caminhos a serem explorados sobre este assunto. Entre esses, quero agradecer especialmente a um, Cristiano Abreu, que numa ação divina não só me indicou como também tinha em mãos o livro *Alucinações Musicais*, de Sacks, que me serviu de quadro teórico. Cada um que eu tive oportunidade de compartilhar este momento, e tentaram me ajudar. Não dá para citar todos os nomes, até porque eu seria injusto, pois fatalmente me esqueceria de muitos. Sou muito grato a cada um de vocês.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Objetivo.....	6
Capítulo 1: Bibliografia e experiências sobre a sinestesia.....	8
1.1: O que é a sinestesia?.....	12
1.2: Como a sinestesia se apresenta? E quanto isso é evidente para cada um? Será que existem afinidades, um ponto em que todos ou quase todos concordam?.....	14
Capítulo 2: Pesquisa empírica: testando a sinestesia de cada um.....	16
2.1: Conclusão do Teste.....	21
Capítulo 3: A Sinestesia como ferramenta para a Educação Musical.....	23
Referências bibliográficas.....	25

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.